SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

A MORTE E O CULTO AOS MORTOS NAS TRADIÇÕES POPULARES DE RONDÔNIA

THE DEATH AND CULT TO THE DEADS IN POPULAR TRADITIONS IN RONDÔNIA

Marco Antônio Domingues Teixeira[1]

"*Na mata quase sem luz, estas sepulturas adquirem um aspecto fantástico, e quando pisamos os galhos secos, os seus estalidos, parecem-nos as notas musicais de alguma sinfonia macabra*." (Manoel Rodrigues Ferreira).

Resumo: A morte, o conjunto dos rituais fúnebres e o culto aos mortos constituem-se no objeto de estudos deste artigo. Trabalhamos com a etno-história, analisando os procedimentos culturais das sociedades coloniais e pós-coloniais que se estabeleceram nos vales do Madeira, Mamoré e Guaporé, entre os séculos XVIII e XX. De formação cristã e católica, essas sociedades constituíram rituais e práticas de cuidados com o morto e sua alma a partir das doutrinas religiosas trazidas para o Novo Mundo pelos agentes colonizadores, mas como em todas as regiões onde essas sociedades se estabeleceram, também aqui, foram definidas práticas e rituais próprios, resultantes tanto das relações da sociedade com o meio ambiente local, quanto das diversas interações socioculturais entre os povos que viriam a formar essas novas sociedades. As adversidades ambientais, as enormes distâncias dos núcleos coloniais em relação a outros centros e às metrópoles tiveram papel expressivo na constituição de um padrão cultural específico em relação aos procedimentos dos vivos para com a morte e para com seus mortos. Nossa proposta de trabalho é estudar as características e os procedimentos ritualísticos que marcam a morte e o culto aos mortos nas sociedades formadas a partir das diversas etapas da colonização ocidental nos vales do Madeira, Mamoré e Guaporé, entre os séculos XVIII e XX. Para tanto recorremos tanto á documentação disponível, quanto ao uso de narrativas, depoimentos e observação de campo. Os resultados evidenciam que as culturas locais adaptaram práticas e procedimentos diversificados, que têm por base as tradições cristãs, notadamente de cunho católico romano, mas que, por circunstâncias diversas sofrearam uma serie de alterações a partir da inclusão de outras matrizes culturais, tanto cristãs, de doutrina protestante e evangélica, quanto ameríndias ou africanas.

PALAVRAS-CHAVES: Morte. Rituais fúnebres. Culto aos mortos. Rondônia.

ABSTRACT: The death, all the funeral rites and the cult to the deads are on the subject of studies of this article. We worked with the ethno-history and analyzed the cultural procedures of colonial and post-colonial societies who settled in the valleys of Madeira, Mamore and Minas, between the eighteenth and twentieth centuries. From Christian and Catholic, these companies formed rituals and caring practices for the dead and his soul from the religious teachings brought to the New World by settlers agents, but as in all regions where these companies have established themselves, it was also defined here their own practices and rituals, from both society's relations with the local environment and the various socio-cultural interactions between people that came to form these new companies. The environmental adversity, the vast distances of the colonial core regarding to other centers and cities had a significant role in the formation of a cultural pattern regarding to specific procedures to live with death and with their dead. Our proposal is to study the characteristics and procedures ritual marking the death and the cult of the dead in the companies formed from the various stages of colonization in the western valleys of Madeira, Mamore and Minas, between the eighteenth and twentieth centuries. That's why we studied all the available documentation and used the narratives, interviews and field observation. The results show that local cultures have adapted diverse practices and procedures, which are based on Christian traditions, notably the Roman Catholic slant, but because of different circumstances, they experienced a series of changes from the inclusion of other cultural sources, not only Protestant Christian and evangelical doctrine, but also the Amerindian or African's.

KEY WORDS: Death. Funeral rituals. Cult of the dead. Rondônia

[1] Mestre em História, Doutor em Ciências Socioambientais. Editor da Revista Saber Científico/FSL

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

INTRODUÇÃO:

Os historiadores do século XX, vinculados à escola dos Annales e ao que se denominou Nova História, passaram a se preocupar com o cotidiano e as mentalidades, buscando entender, a partir da concepção histórica, os processos de construção dos cotidianos coletivos e do imaginário social. As atitudes do homem, enquanto ser social, diante da morte e na perspectiva dos tempos tem sido alvo das pesquisas de inúmeros autores. Na França, onde os estudos estão mais avançados, merecem destaque as obras de Phillipe Ariès, e Michel Vovelle.[2] No Brasil destacam-se texto de Luís da Câmara Cascudo, Júlio José Chiavenato e João José Reis.[3] Freud afirmou que o objetivo derradeiro da vida é a sua extinção.[4] A percepção de morte por parte das sociedades humanas vem passando por diversas transformações ao longo dos tempos. Registros arqueológicos indicam que as primeiras preocupações com o morto nas sociedades humanas datam de, aproximadamente, quarenta mil anos. Os Neanderthal e os Homo sapiens modernos já sepultavam seus mortos através de processos e de ritos elaborados, muito antes do aparecimento das primeiras sociedades-estados. Em algumas sociedades primitivas, parte dos rituais de morte consistiam em um banquete fúnebre, onde os familiares do morto se reuniam para a grande homenagem e devoravam seu cadáver mediante práticas e rituais mágicos e religiosos. O chamado endo-canibalismo floresceu em diversos momentos da história humana. Na Amazônia registraram-se casos de endo-canibalismo até a segunda metade do século XX. Esse processo foi observado inclusive entre indígenas de Rondônia. entretanto, nas sociedades-estado a morte e os cuidados com o morto, seu corpo, velório e sepultamento ganharam dimensões muito variadas, indo desde a mumificação dos

[2] Phillipe Ariès. O homem diante da morte. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.
Phillipe Ariès. História da morte no ocidente. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997.
Michel Vovelle. Morir autrefois. Attitudes collectives devant de la mort aux XVIIe et XVIIIe siècles.
Michel Vovelle. Pieté baroque et déchristianization en Provence au XVIIIe siècle. Paris, Editions de Seuil, 1978.

[3] Luís da Câmara Cascudo. Anúbis, ou o culto dos mortos. In: Superstição no Brasil. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP. 1985.
Luís da Câmara Cascudo. Santas almas benditas. In: Superstição no Brasil. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP. 1985.
Júlio José Chiavenato. A morte, uma abordagem sociocultural. São Paulo, Moderna, 1998.
João José Reis. A morte é uma festa. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

[4] Sigmund Freud. O valor da vida: uma entrevista rara de Freud. In: P. C. Souza, org. Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan. São Paulo, S/E, 1989. P. 121.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

cadáveres e seu sepultamento em tumbas luxuosas, até sua cremação e a dispersão de suas cinzas pelo meio-ambiente. Prática mais comum entre as populações indígenas locais foi o sepultamento em urnas funerárias feitas em cerâmica cozida. Tais urnas ainda hoje são comumente encontradas em diversas regiões do estado de Rondônia e atestam muitas das características das práticas funerárias de antigas populações ameríndias locais.

No Ocidente, a percepção de morte e os cuidados com o morto foram constituídos a partir de legados antigos de civilizações diversas, tais como as dos gregos, romanos, germânicos e outros. O cristianismo determinou todos os detalhes dos procedimentos em relação à morte e ao culto aos mortos nos últimos dois mil anos, criando uma religião dramaticamente obcecada pela questão. Neste contexto religioso a morte afigurou-se como mera passagem entre dimensões sobrenaturais de vida. Os atos do falecido em vida e dos vivos que cuidaram dele em sua morte e mesmo após a mesma deveriam decidir sua nova condição existencial na eternidade. Essa eternidade poderia ser feliz e paradisíaca, ou, em grande parte dos casos terrível e atormentada. Céu, inferno e purgatório se tornaram, então, os grandes alvos das preocupações referentes ao ato de morrer e definiram uma série de procedimentos rituais, posturas e filosofias existenciais.

Transportado para a América, a partir dos Descobrimentos, esse modelo religioso definiu a cultura das sociedades aqui formadas, eliminando, na maior parte dos casos, os modelos e culturas pré-existentes. Contudo, ao modelo cristão ortodoxo, os habitantes do Novo Mundo, acrescentaram diversos pontos de relação cultural com a morte, o morrer e o culto aos mortos. Tem-se, assim, uma cultura própria, caracteristicamente cristã, mas marcada por diversas tradições que foram acrescentadas por populações nativas, ameríndias, ou outras que foram introduzidas no continente, como é o caso das populações africanas, vindas sob a escravidão mercantilista.

Na Amazônia as sociedades coloniais estabeleceram-se desde o século XVI. As insalubridades ambientais tornaram a existência dessas sociedades difíceis e adversas. Morrer era uma realidade muito palpável para todos os que por aqui se aventuravam, não importando a idade, sexo, condição social. As crônicas e relatos de viajantes, exploradores e colonizadores, em geral, estão povoadas de referencias a essas adversidades e à familiaridade dos residentes com as possibilidades de morte prematura. Esse dado é especialmente verdadeiro quando falamos da

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

colonização dos vales do Madeira, Mamoré e Guaporé, regiões consideradas enormemente adversas e hostis sob os mais diversos aspectos.

Aqui, a morte era uma realidade muito evidente e as expectativas de vida eram breves. Por ouro lado, as condições ambientais características de zonas quentes e úmidas exigiam brevidade nos rituais de velório e sepultamento. A precariedade das sociedades que se estabeleceram na maior parte das regiões amazônicas respondem pela escassa visibilidade aparente dos rituais de cuidados fúnebres e de sepultamento. Os cemitérios raramente sobreviveram e mesmo povoações coloniais desapareceram sob os rigores naturais com grande brevidade. Isto é muito evidente ao tratarmos da colonização das regiões que formam o estado de Rondônia.

Neste artigo, procuramos apresentar um breve estudo das práticas, cuidados e tradições das sociedades locais para com os mortos.

Urna funerária indígena.
Fonte: Jean Baptiste Debret. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. (2 vols.) Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1982**.**

A PERCEPÇÃO DE MORTE NOS VALES DO GUAPORÉ, MAMORÉ E MADEIRA.

Um elemento constante nos relatos, documentos e escritos de viajantes, padres, militares ou aventureiros que percorreram as regiões do Guaporé, Mamoré e Madeira, entre os séculos XVIII e XIX é o relato da precocidade e da onipresença da morte. As adversidades ambientais, as possibilidades de confrontos com povos indígenas, assaltos de piratas de rios, acidentes diversos e ataques de animais constituíram-se em causas regulares de morte nessas paragens. A distância de

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

qualquer centro de civilização ocidental que pudesse oferecer qualquer tipo de socorro e assistência profissional de médicos, farmacêuticos ou outros profissionais ligados às questões de saúde fazia com que a morte fosse uma possibilidade muito concreta em toda a região do Guaporé, Mamoré e Madeira, não poupando ninguém nem se fixando em idade nenhuma.

Formada a partir de uma cultura católica ibérica colonial, a sociedade local desenvolveu percepções e costumes muito parecidos com os de outras regiões do país em relação ao ato de morrer e aos procedimentos dos vivos no tocante aos preparos para o derradeiro momento do óbito e para os rituais que deveriam ser realizados afim de assegurar ao morto uma passagem tranqüila para a outra vida e aos vivos a segurança necessária para não se contaminarem com a onipresença da morte durante os rituais de agonia, velório e sepultamento. Entretanto, as condições locais, o ambiente e as especificidades da colonização, determinaram uma série de procedimentos e comportamentos próprios para esses momentos, que viriam a caracterizar as posturas culturais regionais em relação ao problema da morte e dos rituais que a ela são associados.

No Vale do Guaporé, a colonização portuguesa deixou poucos relatos sobre os procedimentos para o preparo dos mortos, velórios e sepultamentos. Os informes sobre mortes são enormemente abundantes e, através da documentação colonial sabemos que doenças tropicais, dentre elas a malária e o maculo, ao lado de outras como as doenças pulmonares foram as grandes causadoras da maioria das mortes locais. A intensidade e a severidade desses males parece ter tido momentos de pico entre os anos de 1760 e 1790, durante o século XVIII, período de apogeu do colonialismo português na região guaporeana e, entre as décadas de 1870 e 1880, no vale do Madeira, época de intensa da exploração da borracha e das primeiras tentativas de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré na região do alto Madeira e do Mamoré. Embora os registros de cronistas como o Joseph Barbosa de Sá e do Barão de Melgaço[5] sejam muito enfáticos em relação às concretas possibilidades de morte na região e à intensidade das epidemias locais, pouco se tem nos relatos sobre as atitudes e procedimentos dos vivos para com aqueles que estavam diante dos momentos finais da existência e prestes a morrer. Menos ainda

[5] Joseph Barbosa de Sá. Relação das Povoações do Cüyabá e Mato Grosso de seus Princípios Thé os Presentes Tempos. Cuiabá. UFMT. 1976.
Barão de Melgaço. Apontamentos Cronológicos da Província de Mato Grosso. RTHGB - V. 205. 1949.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

pode ser encontrado em relação aos rituais e procedimentos das populações locais para com seus defuntos. Sabemos que o governador João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres morreu em 1796 e foi sepultado na Igreja Matriz da cidade, embora não se tenha registro dos procedimentos funerários adotados. Tratando-se de uma região onde a presença do clero era, no mínimo, muito rarefeita, a população formada integralmente a partir de uma cultura católica, mesclada com elementos diversos, tanto das culturas indígenas locais quanto de outras procedentes de escravos africanos, procurava estruturar rituais onde os rituais eram marcados pela proeminência das tradições católicas, contudo, estas eram fortemente marcadas por diversos elementos alheios a àquela doutrina, podendo ser identificados como provenientes de tradições indígenas e/ou africanas.

A identificação da morte é um momento de perplexidade e intensa emoção para os que cercam o moribundo. A dor e o desespero tomam conta dos mais próximos e, nesse cenário caótico, é a rezadeira ou benzedeira eu assume o papel de restauradora do equilíbrio e da ordem, tratando com energia dos procedimentos necessários.

Os rituais de agonia observados em distantes comunidades e narrados por alguns viajantes ou, ainda, presenciados em situações de pesquisa de campo, nos remetem ao comum das tradições coloniais. O doente, ao perceber a proximidade da morte recolhia-se em seu quarto ou local de repouso e passava a ser assistido por parentes próximos e, residindo em alguma comunidade que dispusesse de um rezador ou benzedeira, por este, até o momento de sua passagem. A partir daí, iniciavam-se os preparatórios para seu velório e sepultamento.

Entre os habitantes tradicionais do Vale do Guaporé, quando a morte é detectada, ainda durante os estágios finais da vida do moribundo, tem início o conjunto de rituais de morte. Um parente próximo do doente assume as tarefas de velar e cuidar dele até o último suspiro. Geralmente é uma mulher, uma filha, esposa ou mãe. Na medida em que a situação se agrava, são chamados os parentes e, ainda, caso exista nas proximidades, uma rezadeira ou benzedeira, que permanece ao lado do leito, deixando à disposição vela e crucifixo, ou ainda uma imagem ou quadro de santo, caso exista alguma dentro de casa.

A proximidade da morte não implica em presença de padres, uma vez que a presença do clero na região é extremamente rara. Na maioria das vezes serão realizadas apenas as rezas comuns, não havendo rituais sacramentais que são

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

comuns em regiões onde o clero é mais abundante. A passagem para a morte leva a tomada das primeiras providências pelas mulheres, mantendo-se os homens a uma distância reservada em relação ao morto que deverá ser preparado para o velório e sepultamento. São, portanto, as mulheres as que primeiramente intervém nos procedimentos sociais em relação à morte.

A rezadeira faz as preces finais, colocando uma vela na mão do moribundo, para que a luz eterna possa iluminá-lo, e ainda um crucifixo, para que ele esteja protegido no último combate pela salvação de sua alma. Este é um momento de claro perigo, tanto para o morto, quanto para os vivos. A casa deve estar fechada, a fim de se impedir a entrada de maus espíritos. Após o falecimento corpo é lavado, higienizado e vestido, preferindo-se as cores escuras para os adultos casados e viúvos e cores claras ou roupas de anjinhos para as crianças. Quando não existem roupas específicas para o sepultamento, o morto é enterrado com qualquer outra, bastando que esteja limpa e engomada. Se não houver roupas próprias, estas serão oferecidas pela comunidade. É indispensável que o morto esteja calçado e que seu calçado esteja limpo. É costume beijar o solado do calçado do morto, a fim de que ele leve consigo a morte e o medo a ela associado.

AS PRÁTICAS DO VELÓRIO E DO SEPULTAMENTO

O corpo é velado em casa e na maior parte das dispersas comunidades ribeirinhas não existem capelas ou igrejas. O defunto é posto sobre um caixão que é fabricado no local e a pedido da família. Geralmente é um caixote rústico e sem ornamentos. Em outros casos, o corpo é enrolado em uma rede de dormir ou outro tecido de grandes dimensões que possa “amortalhar o falecido”. O corpo envolvido nessa “mortalha” ou depositado em um caixão é posto sobre uma mesa ou cavalete e em cada um dos quatro cantos acende-se uma vela, que deverá ser renovada assim que se extinguir. A luz dessas velas orienta o morto em seu novo destino e sem ela é provável que seu rumo seja confuso e perdido, pois a alma deve caminhar na luz. Sob a mesa ou o cavalete em que estiver o corpo, é deixada uma vasilha de barro com água, que deve retardar a deterioração do corpo.

O uso das velas é observado ainda em rituais para localização de corpos de pessoas que morreram por afogamento. Corpos de pessoas afogadas são procurados com rezas e através da “*vela e da cuia dos afogados*”. A vela é posta em uma cuia e solta na correnteza,

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

no local do afogamento. Seu curso é acompanhado com rezas e acredita-se que onde ela parar o corpo estará submerso.

O ritual do velório implica em rezas que são conduzidas pelas mulheres e em anedotas e casos que são contados pelos homens, além da distribuição de comidas e bebidas aos presentes a fim de ajudá-los a passar a noite e o dia ao lado do morto. O contador de casos e de anedotas é um especialista como a rezadeira, ensina Bandeira[6], ele deve interpor os ritos da vida aos ritos da morte. Mesmo os familiares do morto devem se entregar aos casos e anedotas vez por outra, a fim de quebrar a presença ostensiva da morte em meio aos vivos e dessa forma, não se deixar contaminar pela morte, materializada no corpo do morto.

Hoje o ritual é bastante simplificado e nota-se a presença de práticas de outras religiões além dos procedimentos tradicionais do catolicismo popular. Preces e velas se complementam com o pranto ritual vertido pela família e pelos amigos do morto. Este pranto deve mostrar ao morto o quanto ele era bem quisto. As rezadeiras devem fazer da reza um momento de união do morto com os vivos e com outros mortos que possam ter vindo para assistí-lo. Os mortos que escutam as rezas deverão por sua vez mediatizar as relações de todos com os santos para garantir que o novo morto tenha um bom lugar no além. As rezas são entrecortadas por momentos de relativa inatividade por parte das rezadeiras. Estes momentos servem para restabelecer a calma e o equilíbrio e é aproveitado para consolar os familiares e se contar casos e anedotas. Serve também como medida comunitária de seu prestígio. Em alguns momentos, o pranto assume feições de grande dramaticidade, notadamente por ocasião da morte, durante a chegada dos amigos e parentes ao velório e ainda durante os cumprimentos de solidariedade que esses expressam à família. Por fim, ele se transforma em uma espécie de quase histeria no momento em que o corpo deixa a casa e ruma para o sepultamento. No local de sepultamento, fazem-se rápidas preleções e algumas orações pela alma do finado e novamente o pranto inconsolável dos familiares.

Raras vezes um morto pôde ser sepultado em igrejas nos vales do Guaporé e do Madeira entre os séculos XVIII e XIX. Na Matriz de Vila Bela foram sepultados o governador João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres e o Sargento Ricardo Franco de Almeida Serra, que morreram na região durante o século XVIII. A ausência de igrejas na região do Guaporé e do Madeira durante os períodos colonial

[6] Maria de Lurdes Bandeira. Território negro em espaço branco. São Paulo, Brasiliense, 1988. P. 198.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

e imperial inviabilizou as práticas de sepultamento dentro dos templos e difundiu o costume de se realizar as inumações em cemitérios, que na maior parte das vezes, ficava próximo das residências coloniais e dos conjuntos de edificações dos seringais.

Os cemitérios locais são extremamente simples e sem nenhum tipo de pretensão artística ou arquitetônica. É comum que se tenha um cruzeiro no centro do mesmo e as sepulturas se resumem a simples cruzes de madeira. Em raros casos, se prepara uma sepultura com tijolos e imagens de gesso ou de cimento. Geralmente os cemitérios não ficam muito afastados do rio e deve-se assegurar que a área não esteja sob risco de enchentes. No entanto, em alguns casos, os processos de erosão impostos pelo rio aos barrancos, termina por arrastar consigo as sepulturas, como aconteceu com uma parte do cemitério de Santo Antônio, em Porto Velho, que datava do século XIX. Após o sepultamento, sobre a terra recém escavada acendem-se velas e depositam-se flores. Uma pequena tabuleta de madeira com a grafia pintada com tinta óleo contendo o nome e os dados de nascimento e morte do morto é acrescida ao crucifixo. Nos casos de sepultamentos de indivíduos com maiores recursos são encomendadas lápides de mármore, de ferro ou de bronze.

Para os vales do Madeira e Mamoré, dispomos de esparsas informações sobre velórios e sepultamentos, notadamente nos períodos compreendidos entre os séculos XVIII e XIX. A maior parte das informações é obtida através de registros de participantes de expedições exploradoras ou de membros das Companhias que trabalharam na E.F.M.M. Neville Craig[7], que participou das atividades da Empresa P&T Collins nos Vales do Madeira e Mamoré em 1878, narra algumas das principais características dos procedimentos de trato dos mortos e de sepultamento na região durante a segunda metade do século XIX. Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que as mortes registradas são em sua maioria precoces e em função de fatores ambientais como a malaria, ataques de indígenas e de animais, acidentes e outras doenças infecto contagiosas adquiridas na região. A insalubridade local era tanta, que mesmo os que velavam os mortos e acompanhavam seus cortejos eram amparados uns aos outros, por não poderem mais andar sozinhos. "*Vi um enterro ontem. Notei que diversas pessoas iam também carregadas, mas não consegui*

[7] Neville Craig. Estrada de Ferro Madeira Mamoré. História trágica de uma expedição. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1947.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

perceber se estavam mortas ou não".[8] O texto deixa claro ainda que o número de mortos era provavelmente muito elevado e os poucos que lhes davam sepulturas poderiam, muitas vezes, estar prestes a morrer também.

O cemitério utilizado pelos trabalhadores da empreitada americana 1877 era localizado às margens do Madeira em uma área de várzea pouco distante do povoado. Extremamente simples, apenas uma parte de suas sepulturas resistiu até os decênios finais do século XX, quando a ação dos desmoronamentos dos barrancos devido a ação erosiva do rio e a depredação provocada por novos proprietários da área eliminou as últimas sepulturas locais para poder vender os lotes como chácaras de laser. É do conjunto de relatos de Craig que obtivemos ainda, com precisão de detalhes, a narrativa de um velório em um dos seringais locais, pertencente a um rico boliviano, Dom Pastor Oyola.

> "Quando nos aproximamos ouvimos música e os nossos canoeiros, pensando que nos esperava uma noitada alegre, apressaram-se em desembarcar qual não foi, porém, a nossa surprêsa, quando ao tocar em terra Dom Pastor Oyola nos informou que um de seus filhos acabava de falecer e os colonos estavam entoando cantos fúnebres. Com a gentileza que o caracterizava, conduziu-nos à sua casa, nossas redes foram penduradas em lugares confortáveis e, a seguir, fomos ter à grande sala central, no segundo pavimento, onde num ambiente quase bárbaro, jazia o corpo de seu filhinho. O pequeno cadáver tinha nas mãos, duas ventarolas multicolores, de papel. As ventarolas estavam arrumadas uma por cima da outra, de maneira que a mais alta ficava cêrca de trinta centímetros acima do corpo. O caixão era construído de madeira rústica, coberto com papel branco e tirinhas de diversas côres, coladas em diagonal, uma sobre as outras, de maneira a formar pequenos losangos de mais ou menos seis centímetros, ao centro dos quais havia pequenas cruzes de papel de cor. No geral a arrumação estava bem feita e geometricamente regular, mas o efeito era chocante, conquanto estranhamente patético. Do lado oposto estavam os músicos, com tambor, flauta, pistão e violino. No soalho, sentadas à turca estavam mais de vinte índias vestidas de branco. Com a cabeça baixa elas choravam e lamentavam, balançando o corpo para frente e para traz de acordo com a cadência da musica. Quando a noite envolveu o ambiente, a luz tremuladas velas, o cheiro de incenso, a música bárbara e o choro selvagem das carpideiras, tudo contribuía para encher de vagos temores o estrangeiro desacostumado a essas cenas. De vez em quando um grito mais agudo, vindo do interior da casa, denunciava a presença da mãe, lamentando, como só as mães o fazem, a perda do filho. Horas a fio, pela noite a fora, a cena continuou sem interrupção. Quando os músicos se cansavam ou as carpideiras desmaiavam, outros os substituíam e as lamentações, os gritos e a música desafinada prosseguiam até dia claro. Então os pais desolados se despediram do filhinho morto e fecharam o caixão. Quatro índios vestidos de branco levaram-no de casa, precedidos pelos músicos e seguidos em fila dupla por toda a população de La Concepción. Os funerais logo terminaram".[9]

[8] Op.cit. p. 244.
[9] Idem. Pp. 379-380.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Os registros desse funeral revelam muito do que devem ter sido os funerais nos seringais do Madeira durante a segunda metade do século XIX. Em primeiro lugar, reparamos que se tratava de alguém da elite regional, um dos filhos de um dos homens mais ricos da região. A rusticidade dos objetos como o caixão, a mesa de velório e a ausência de mobília revelam a simplicidade da vida local. Em seguida, é importante se observar, que mesmo sendo o defunto um representante da elite, não havia padres no seu velório e em seu sepultamento, evidenciando que as tradições do catolicismo popular eram mantidas, sobretudo pelas mulheres locais. A cor branca usada pelas carpideiras e pelos índios locais, provavelmente, representa o luto e é percebida pelo narrador como uma cor cerimonial. O caixão é de fabricação local, mas mesmo assim é um luxo extra na região, onde a maioria era sepultada em suas redes de dormir. O uso de incenso revela o elevado status do morto, uma vez que é um artigo de luxo na região. A estranha decoração artesanal do caixão denota reminiscências do artesanato indígena dos períodos das missões. A ausência de flores é parcialmente substituída pelos papéis coloridos que enfeitam o caixão. As ventarolas de papel colorido mostram que a criança levou alguma lembrança da terra dos vivos e dos pais consigo. É ainda um símbolo de seu status. A mãe não permanece junto ao pequeno corpo, a dor inconsolável é exprimida visualmente pelas carpideiras que choram até desmaiar. Por fim, é importante notar a música meio selvagem, que deveria misturar hinários católicos com cantigas indígenas de morte. os instrumentos musicais também se confundiam, alguns ameríndios, outros europeus,revelando um processo de fusão de culturas e de valores que estava longe de se completar. O breve sepultamento, sem maiores pompas do que a longa procissão em fila dupla revela que o cemitério é próximo à sede do Seringal de La Concepción, onde a família vivia. Essa proximidade poderia ter por objetivo a proteção dos mortos pelos vivos, impedindo-se o saque das sepulturas por animais necrófagos como tatus e cães selvagens. Poderia também facilitar as visitas e a manutenção do local, minimizando, com sua proximidade da sede do seringal, os riscos de se percorrer os caminhos da mata.

Os velórios e os sepultamentos comuns não eram tão elaborados como o do jovem filho do Coronel de Barranco. As rezas eram entoadas pelas velhas e as mulheres em geral. Quando se tinha família, o pranto era marcado nos momentos de clímax do velório e do sepultamento, o uso de velas, ao menos uma, era indispensável e a encomendação do morto aos santos era feita sem a presença da

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Igreja. Os mortos comuns eram sepultados em redes e em covas marcadas com cruzes de madeira. Na maior parte das vezes, os ritos fúnebres terminavam por ocasião do sepultamento. Em casos mais específicos, celebravam-se rezas e novenas pelo morto com a ajuda das rezadeiras locais.

No século XX, com a construção da E. F. M. M. pela empreiteira May, Jakyl and Randlph, a serviço da Holding de Farqhuar, a situação dos Vale do Madeira e Mamoré, a partir de 1907, passou por enormes transformações. Calcula-se em aproximadamente 22000 o número total de trabalhadores deslocados para a região das obras, de diversas partes do mundo, entre 1907 e 1912. As doenças e os diversos incidentes promoveram mais uma vez uma elevadíssima mortandade entre os trabalhadores. A insalubridade local era tão desgastante que em visita a Santo Antônio, em 1910, o sanitarista Oswaldo Cruz, registrou que o índice de mortalidade infantil era de 100% na cidade. Simplesmente nenhuma criança sobrevivia aos primeiros anos em Santo Antônio.[10] A construção da Ferrovia Madeira-Mamoré provocou uma enorme incidência de protesto de autoridades de diversos países, quanto ao uso da mão de obra de seus cidadãos em regiões de tão extremas adversidades, sem a menor infra-estrutura capaz de assegurar atendimento digno em casos de doença e acidentes. Por conta dessas pressões externas e internas, pois os trabalhadores se sublevavam, fugiam e produziam pouco a Cia Madeira and Mamoré Railway CO. construiu o lendário Hospital da Candelária.

Os registros do Hospital dão conta de aproximadamente 1500 óbitos dentre os trabalhadores entre os anos de 1907 e 1912. Esse número é contestado pelo historiador e jornalista Manoel Rodrigues Ferreira, que afirma que o total de mortos deve ter ficado na casa dos 6500. Por sua vez o escritor Eduardo Prado[11] calcula em 43000 o total de mortos por ocasião da construção da E.F.M.M. Para se chegar perto de uma cifra tão elevada como essa é preciso que se calcule o total das perdas indígenas, cuja maior parte foi dizimada pelos capatazes da ferrovia ou morreu vitimada pelas diversas instâncias dos contatos com os brancos e, ainda, o conjunto dos que trabalhavam nos seringais e outros setores da economia local. Ainda assim o período deveria ser ampliado para o início das primeiras tentativas de construção da Ferrovia em 1873 e prolongado até a saída dos americanos em

[10] Cf, Marco Antônio Domingues Teixeira. Mortos, dormentes e febris. Um estudo sobre o medo, a morbidade e a morte nos Vales do Guaporé e Madeira entre os séculos XVIII e XX.. In: Porto velho conta a sua história. Porto velho, SEMCE, 1998. PP. 140 e seguintes.
[11] Eduardo Prado. Eu vi o Amazonas. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

1930. De qualquer forma, se a cifra de Prado parece muito elevada, as demais parecem muito tímidas.

A morte dos trabalhadores que construíram a estrada de ferro, em circunstâncias de doenças, ataques de índios e acidentes, é um dos maiores mitos da Ferrovia Madeira Mamoré. Dentre as lendas surge uma que diz que cada dormente é uma vida. Claramente é um exagero. Mas em um trecho distante da salubridade higienista do Hospital da Candelária, morria-se como em nenhum outro trecho da ferrovia. Tratava-se da Reta do Abunã, considerada como um dos locais mais insalubres do mundo tropical no momento de construção da EFMM.

Os óbitos eram tantos que, de acordo com as narrativas as necessidades de se prosseguir os trabalhos e de se sepultar os mortos tinham que ser harmonizadas. Assim, na medida em que se escavava a terra para se assentarem os dormentes, depositava-se o corpo do morto, embrulhado em sua rede de dormir, sob os trilhos da Ferrovia. Nenhum ritual, nenhuma reza, nenhuma placa ou lágrima. Os trilhos seriam a única referência a dezenas, talvez centenas de trabalhadores mortos e sepultados anonimamente ao longo do eixo ferroviário.

Os habitantes de Porto Velho guardaram um conjunto de tradições amazônicas e nordestinas que se manteve praticamente inalterado entre os anos que marcaram as migrações para os seringais e a Guerra pela Borracha, até aqueles que assinalam o início da década de 1970, quando as relações de trocas e de comunicações com o Sudeste passaram a ser componentes determinantes da dinâmica cultural local. Dentre as tradições mais sólidas estavam os ritos de preparo do morto, velório e sepultamento, para os quais valem o conjunto das normas que já abordamos anteriormente.

Sepultamento com rede.
Fonte: Jean Baptiste Debret. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. (2 vols.) Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1982.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Ao pressentir a morte, o moribundo reunia sua família e estando em condições de exercer suas vontades, deixava instruções sobre os procedimentos a serem adotados por ocasião de seu falecimento. A seguir solicitava a vinda de um padre, caso fosse católico ou praticante de ritos afro-ameríndios. Confessava-se e recebia os últimos sacramentos. Esses serviços eram oferecidos também aos doentes do Hospital São José, enquanto pertencente à Missão Salesiana e mesmo depois, quando passou ao controle do governo territorial. Durante os anos 1970, até o início dos anos 1980 esse serviço ainda era realizado cotidianamente pelos padres católicos da região. São insistentemente citados os padres Mario Castagña e Paulo Quaring, um antigo missionário europeu, que havia trabalhado durante anos na África. A lavagem do morto e a vestimenta do cadáver segundo sua condição social e financeira bem como a apresentação do morto aos amigos e familiares para o velório, que ocorria na sala principal da casa, era realizada pelas mulheres da família, auxiliadas por parentas vizinhas e amigas próximas. A roupa de sepultamento era confeccionada de acordo com a antiga tradição rural e colonial. Mulheres casadas usavam mortalhas roxas, moças e meninas usavam mortalha branca, mulheres virgens usavam roupa de noiva. Meninos até a adolescência usavam mortalha azul. Homens adultos não eram sepultados com mortalhas. Usavam suas melhores roupas, limpas, passadas e engomadas. Os orifícios do morto eram fechados com algodão e em suas mãos depositava-se um crucifixo ou uma vela ou, ainda, um rosário.

Continuando nosso estudo sobre a morte nas regiões do Madeira, Mamoré e Guaporé, passaremos a uma reflexão sobre as práticas de cuidados com o morto e de velório e sepultamento em Porto Velho, entre os anos 1950 e 1975. Em primeiro lugar, é interessante ressaltar que até 1974, a cidade esteve bastante distante das transformações dos demais centros do país. O processo de interligação de Porto Velho com as regiões centro-sul do país foi extremamente precário até 1960. As únicas formas de contato, era o telégrafo, o radio e mais tarde o telefone. Os transportes estavam limitados aos barcos que estabeleciam a ligação com Manaus e Belém e a ferrovia que ligava Porto Velho a Guajará Mirim, daí podia-se seguir pela Bolívia. O avião era a alternativa para as viagens ao centro-sul do país, mas as rotas dos vôos eram precárias.

A situação apresentou sinais evidentes de melhora e de uma maior integração quando foi aberta a rodovia BR 029, futura BR 364. obra do Governo Juscelino

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Kubitscheck, inaugurada em 1960. Nesta época governava o então Território Federal de Rondônia o governador Paulo Nunes Leal. Embora reduzisse a precariedade das ligações entre a cidade de Porto Velho e o restante do país, as distancias ainda eram enormes e os vazios demográficos dificultavam a travessia da estrada. Durante a estação das chuvas, as dificuldades aumentavam enormemente e, no auge das chuvas, a estrada era interditada, permanecendo assim durante meses. Em 1974, as distâncias foram substancialmente reduzidas com a inauguração do primeiro canal de televisão, que ia ao ar com reprises de programas nacionais e com uma acanhada programação local. A televisão foi um dos principais fatores de aproximação cultural das populações locais com outras do centro-sul do país. No bojo das transformações ocorreram o abandono de antigas práticas culturais e a adoção de outras tantas.

Dentre as práticas que sofreram enormes transformações podemos observar os rituais de velório e de sepultamento, que passaram a se assemelhar cada vez mais àqueles praticados pela população do Sudeste brasileiro. Uma das maiores curiosidades locais no tocante aos rituais fúnebres eram os avisos de falecimento. Uma espécie de convite televisivo para a participação de velórios e de sepultamentos que invadia as casas em qualquer horário, interrompendo a programação normal. Na voz dos locutores locais, era lido em tom grave, o seguinte texto:

> "Nota de falecimento. A família daquele que em vida se chamou (nome do morto), tem o triste dever de informar o seu falecimento, ocorrido às (tantas) horas, no (nome do local onde se deu o passamento). O corpo estará sendo velado (nome do local do velório) sito à rua (nome) número (tal), no bairro (nome do bairro), donde sairá o féretro com destino ao cemitério de Santo Antônio, às (horas). A família enlutada desde já agradece a todos que participarem deste ato de fé e piedade cristã. Informou a funerária (nome)". Avisos semelhantes eram publicados para as missas e cultos de sétimo dia e de mês de falecimento. Seus textos diziam: "Missa de (sétimo dia ou de trinta dias). Os familiares (designavam-se todos e os graus de parentesco com o morto), daquele que em vida se chamou (nome), ainda consternados com o seu falecimento, agradecem a todos os que participaram de seu velório e sepultamento e os convidam a todos, parentes e amigos para a missa de (tantos dias) que farão celebrar em memória de sua alma no dia (tal) às (horas) na igreja (nome) sita à Rua (endereço). Desde já agradecem a todos os que participarem deste ato de fé e piedade cristã. Informou a funerária (nome)."

Em alguns casos, os locutores no auge de suas demonstrações de condolências, manifestavam seu pesar com expressões de efeito, que adquiriam caráter cômico, como o caso de um radialista que apresentou suas congratulações à família enlutada.

Outra curiosidade local, percebida durante os velórios era a última foto. Um fotógrafo profissional era chamado para fotografar o morto em seu caixão. Em

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

muitos casos, com a família reunida em volta do morto. Em outros ainda mais incríveis, o caixão e o morto são colocados na vertical, (em pé) para que os familiares o ladeiem e assim seja retratada toda a família unida pela última vez. As fotos de mortos só entraram em desuso com a crescente migração ocorrida, sobretudo, entre os anos 1980 e 1990, quando os recém chegados não poupavam críticas ao costume, considerado bárbaro e impiedoso. A distribuição de santinhos do morto nas missas de sétimo dia foi também um costume pouco observado na região.

Nos seringais amazônicos, vigorou outro costume de estranhas características, que consistia no compromisso assumido pela viúva do morto que estava sendo velado, de se casar com outro seringueiro, presente ali mesmo, no velório. Este costume é registrado por Araújo Lima.[12] A escassez de mulheres, segundo os relatos da época, provocava enormes tensões psíquicas e sociais entre a população masculina. A venda de mulheres que haviam esgotado seu tempo nos cabarés da região era um artifício, mas que não chegava a satisfazer a procura dos seringueiros. Por outro lado, a disponibilidade de uma viúva, mesmo por ocasião do velório do marido, era um fato capaz de causar sérios problemas de tensão nos seringais. Para minimizar o efeito da disponibilidade momentânea da mulher, o coronel ou seu administrador mandava recolher à recém viúva, enquanto o corpo do marido morto era preparado para o velório, geralmente muito simples e de ritos sumários. Nesse ínterim, o coronel resolvia com qual novo seringueiro a viúva deveria se casar e a apresentava ao noivo. As narrativas falam que por ocasião de morte dos seringueiros casados, inúmeros pretendentes afluíam ao velório, na esperança de conseguir a mão da viúva em casamento. Somente depois do anúncio oficial do noivado, ainda durante o velório, é que a viúva voltaria ao lado do corpo do marido morto para pranteá-lo e velá-lo, até o momento de seu sepultamento.

[12] Araújo Lima. Amazônia, a terra e o homem. São Paulo, companhia Editora Nacional, 1937. Pp. 329-335.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

“Foto com a morta” ou “A última foto”.
Fonte: Arquivo do autor.

Em Porto Velho, mesmo existindo um número de padres regular, a zona rural era precariamente assistida por sacerdotes. Devido à relativa escassez e ainda à tradição da ausência clerical do período da borracha, a presença dos mesmos nos velórios católicos sempre foi pouco percebida. Na falta de padre, as rezadeiras e as beatas de igreja, notadamente das irmandades do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria é que sempre se encarregavam das preces, cânticos e ladainhas. Eram elas ainda que amparavam as mulheres da família e aos mais jovens. Seu aspecto, sempre mais grave e devoto do que o dos homens, era ressaltado pela severidade de seus uniformes brancos, fitas e escapulários vermelhos ou azuis ao pescoço e véus de renda ou crepe, nas cores pretas ou brancas.

Os homens realizavam outras tarefas, em grande parte dos casos, animando o velório, não apenas com casos e anedotas, mas ainda com carteado e dominó. Um costume entre a juventude era se aproveitar dos velórios para encontrar namorados e namoradas. Como as flores eram raras e as floriculturas quase inexistentes e sempre desabastecidas, além de muito caras, usavam-se flores locais para enfeitar o morto e o caixão. Flores comuns locais, velas e flores artificiais de papel crepom, seda e plástico ou ainda biscuit eram utilizadas para as coroas e buquês deixados sobre a sepultura. Os velórios sempre foram relativamente breves, devendo-se esta prática de economia de tempo às condições adversas do clima que aceleram a decomposição do cadáver. O trajeto do corpo ao cemitério poderia ser feito a pé, caso o sepultamento fosse aos Inocentes. Seria invariavelmente de

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

automóvel, caso o enterro fosse a Santo Antônio. Ainda é uma prática comum que políticos cedam ônibus e caminhões para o transporte das pessoas do local do velório até o cemitério. O cortejo dirigido aos Inocentes era realizado com cânticos e rezas, como nas procissões católicas. Em alguns casos, passava-se na igreja, principalmente na Catedral, onde o corpo era abençoado, ou em casos mais raros ainda, era celebrada uma missa de corpo presente. O cortejo para Santo Antônio ainda é feito de forma deliberadamente lenta, pois se acredita que um cortejo apressado pressagia mais mortes na família. Os sepultamentos, não são demorados e os discursos ao lado da sepultura breves e concisos. Após a saída dos familiares e dos amigos, os coveiros dão início ao enterro do cadáver.

As crianças eram sepultadas como anjinhos, usavam caixões brancos ou rosa claro. As crianças até doze anos eram chamadas de anjos papudos, e recebiam enterro semelhante. Para se evitar que uma criança morresse pagã, nos casos extremos, e não havendo padre, qualquer um poderia batizá-la, derramando-lhe água sobre a fronte e batizando-a em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Nas regiões rurais, os costumes sofriam poucas alterações, mais em função das dificuldades extremas do que de alterações culturais. Em muitas regiões, o morto era depositado em uma rede. Armava-se uma mesa ou cavalete na sala e cobria-se a mesma com um lençol branco. Eram acesas quatro velas, e na falta destas, ao menos uma vela na cabeceira do morto deveria ser posta, para que ele obtivesse a luz necessária. O corpo dos mortos de áreas mais isoladas era sepultado no próprio quintal da casa, em um pedaço de terreno mais afastado da moradia, mas não dentro da mata. Na década de 1940 foi inaugurado um cemitério próximo a Jacy-Paraná. Existem registros de cortejos que andavam até quatro horas a pé, ou de barco para que se chegasse até a ferrovia e de lá até o povoado, ia-se de cegonha. Ao chegar à localidade, adquiria-se um caixão que era feito na hora e o morto era conduzido ao cemitério. Os pertences do morto eram colocados em caixas de papelão e comumente eram queimados, uma vez que se considerava que usá-los traria azar aos vivos. Em algumas colocações de seringal, era costume ainda mudar-se da barraca após o sétimo dia de falecimento de alguém da casa. Isto se dava em função de que a presença do morto e da própria morte poderia trazer diversos problemas de contágio espiritual aos vivos, inclusive as temidas visitas do além.

OS CEMITÉRIOS

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Dos mais antigos cemitérios regionais pouco restou. Durante o século XIX foi utilizado um sítio às margens do Madeira (lado direito) localizado entre Santo Antônio e a Candelária como local de sepultamento. Esse cemitério terminou sendo destruído pela ação dos sitiantes e moradores locais que eliminaram as sepultura para fascilitar o comércio das terras ou, pela ação do rio, que durante os períodos de enchente carrega as terras que o margeiam.

A construção do Hospital da Candelária foi acompanhada pela construção de um cemitério conhecido como Cemitério da Candelária. Ele serviu basicamente aos ferroviários e aos trabalhadores da empreiteira entre 1908 e 1919, ano que começou a funcionar o Cemitério dos Inocentes em Porto Velho. A melhor descrição do Cemitério da Candelária é dada por Manoel Rodrigues Ferreira em sua obra nas selvas amazônicas.[13] Por ocasião da visita do autor, o cemitério já estava desativado há mais de 45 anos e a mata havia crescido por entre as sepulturas. As sepulturas já estavam cobertas pelo limo, pelos cipós e lianas típicos da região. As árvores cresciam e impediam a luz. O Cemitério da Candelária estava dividido em blocos de sepulturas de católicos e de protestantes, além de acolher ainda pessoas de credos não cristãos e mesmo pessoas sem credo algum. As sepulturas católicas apresentavam cruzes de ferro ou de alvenaria e muitas devem ter sido marcadas somente por cruzes de madeira, como mostra a foto tirada por Dana Merril entre 1910 e 1912. Ferreira ainda encontrou, em algumas sepulturas, coroas de fores de biscuit ou de massa de gesso, intactas, mas cobertas pelo limo. Dentre os restos de caixões, pode achar almofadas de arame bordadas com contas de vidro refinadas, onde devem ter sido reclinadas as cabeças dos defuntos. Mármore foi o material preferido para as placas de identificação dos mortos. Metais cromados e alvenaria foram utilizados para a confecção das sepulturas e das cruzes que se enfileiraram no Candelária. Os registros das placas sepulcrais mostram uma população incrivelmente jovem, quase todos entre os 20 e 30 anos de idade. Predominam de forma absoluta as sepulturas masculinas e quase não se vêm sepulturas femininas. O fim das atividades do Cemitério da Candelária, segundo Ferreira, ocorreu entre 1919 e 1920, quando passou a funcionar o cemitério dos Inocentes, na periferia da então pequena cidade de Porto Velho. Mas antes dele, já funcionava o velho

[13] Manoel Rodrigues Ferreira em sua obra nas selvas amazônicas. São Paulo, Bíblos, 1961. Pp. 142 e seguintes.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Cemitério de Santo Antônio, ativo desde o século XIX. É triste perceber a dupla morte do Cemitério da Candelária. Desativado pela primeira vez com o declínio da própria ferrovia e do seu Hospital homônimo, o Candelária morreu uma segunda vez, quando um ex-ferroviário destruiu, recentemente suas lápides e tentou transformá-lo em uma área de loteamento. Ainda hoje não se sabe o que foi feito com os restos mortais de seus ocupantes. O Candelária é mais uma outra triste referência ao descaso do Poder Público, dessa vez para com a memória de cada um dos que viveram, trabalharam e morreram na construção e manutenção da E. F. M. M. e da cidade que cresceu a partir da ferrovia.

Cemitério dos Inocentes em Porto Velho/RO.
Fonte: arquivo do autor.

Santo Antônio é hoje o Cemitério Municipal de Porto Velho. Abrangendo uma enorme área de terras entre os pântanos da extinta cidade de Santo Antônio do Madeira e as terras firmes da rodovia BR. 364, sentido Porto Velho-Rio Branco, Santo Antônio, foi por muito tempo o cemitério dos que não estavam vinculados à Ferrovia. Visitado por Ferreira na mesma época em que esteve na Candelária, Santo Antônio apresentava-se como um vasto campo, gramado e limpo. As sepulturas estavam entre arbustos e fruteiras, e seus ocupantes eram então os moradores de Santo Antonio, até recentemente um município distinto de Porto Velho. O auge de suas atividades coincidiu com os trabalhos de construção da Ferrovia. Santo Antônio prestou-se ainda como divisor os variados status sociais da comunidade local. Ali eram sepultados os que não participavam do mundo desenvolvido e asséptico da E.F.M.M. Seus ocupantes viveram na periferia do sistema, quer como seringueiros, mascates, prostitutas, quer como os muitos demitidos pela Ferrovia após longos

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

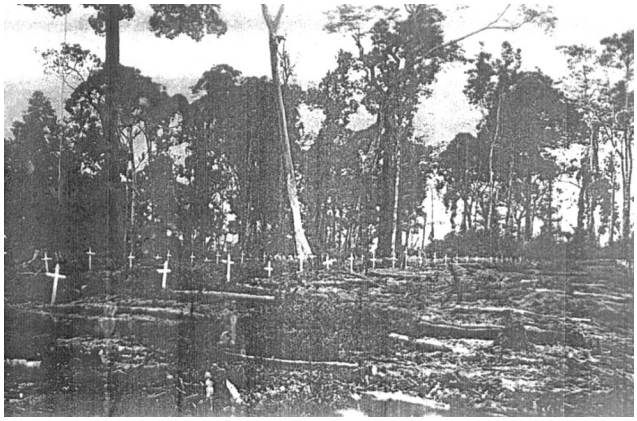
períodos de doença. Na realidade é possível vislumbrar dois cemitérios em Santo Antônio. Um mais antigo, com sepulturas que datam do século XIX e encontravam-se à beira do rio. Aí foram sepultados os mortos da Public Works e da P& T Collins, além dos mortos das Expedições Morsing e Pinkas. Esse cemitério desapareceu, destruído por proprietários das terras que se desfizeram das capelas e das sepulturas para lotear o terreno. O outro cemitério é mais recente e data do século XX e se transformou em um enorme cemitério municipal, que, entre as décadas de 1970 e 2000 foi o único local de sepultamento da cidade. É marcado pela presença de antigas sepulturas de alvenaria com grades de ferro e pequenas esculturas de bronze, gesso ou cimento. As sepulturas modernas são de pouca expressão artística, revelando preocupações morais desvinculadas da estética tradicional dos grandes jazigos e mausoléus. Muitas são grotescamente revestidas de mármore e apresentam apenas cruzes e vasos além de placas com fotografias e datas de nascimento e morte. É importante frisar o elevadíssimo número de sepulturas de estrangeiros, localizadas tanto em Santo Antônio, como no Candelária. Algumas revelam a dor da perda, como a da jovem Rachel Essaba, nascida em 08 de dezembro de 1910 e falecida em 31 de janeiro de 1911. Seu epitáfio diz:

> "Aqui duerme su sueño eterno la innocente Rachel Essaba", em outra se lê: "Thereza Rosa de Souza Aranda. Com as lágrimas nos olhos, e, a dor n'alma, a ti filha estremecida dedico-te este último presente como prova eterna das saudades que me deixas. A morte roubou-me os teus affectos justamente quando apenas contavas cinco anos de idade. O correr do tempo jamais se esquecerá da minha idolatria pela minha querida Therezinha".[14]

O último dos antigos cemitérios de Porto Velho é o Cemitério dos Inocentes, que esteve em atividade desde a 1919 até a década de 1970, quando foi desativado por não suportar mais a quantidade de corpos a serem sepultados. Os Inocentes situa-se em pleno coração da cidade de Porto Velho e seu portão está localizado na Avenida Almirante Barroso, defronte ao início da Rua General Osório. O cemitério está situado a duas quadras da mais importante avenida da cidade, a Avenida Sete de Setembro. Seus muros brancos abrigam uma área de pouco mais de um hectare. Em frente ao cemitério, a Avenida Almirante Barroso se alarga e possibilita a formação de um estacionamento de tamanho razoável, parcialmente arborizado.

[14] Cf. Manoel Rodrigues Ferreira. A Ferrovia do diabo. São Paulo, Melhoramentos, 1979. P. 148.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.



Cemitério da Candelária.
Fonte: Arquivo de fotos de Danna Merril. EFMM.

O cemitério permaneceu em atividade por aproximadamente 55 anos. Possui uma capela funerária, alamedas cimentadas, enormes mangueiras e um variado conjunto de jazigos, mausoléus e sepulturas comuns. Seus túmulos são em geral simples e discretos. Alguns em forma de capela, muitos com imagens de santos feitas em gesso e, apenas um grandioso conjunto escultural e arquitetônico em bronze e granito negro, pertencente a uma das famílias tradicionais da cidade. Na capela existiu outrora uma bela imagem do Senhor flagelado, feita em madeira, em tamanho natural. Os Inocentes foi um cemitério que, a principio, destinava-se ao sepultamento daqueles que não pertenciam aos quadros da Ferrovia. Em 1919, o Mocambo, bairro onde está localizado o cemitério era remoto, perigoso, além de ser um local de boemia e de diversão. Era famoso ainda pela existência de um terreiro de macumba localizado próximo ao igarapé e ao cemitério, o Santa Bárbara, que ainda existe embora em outra área da cidade. O bairro cresceu e se desenvolveu atrás do cemitério e serviu como local de moradia para as populações de substratos sociais mais baixos. Ao longo dos últimos anos, o cemitério tornou-se alvo de caloroso debate, por estar em pleno coração da cidade e por ser ainda o principal escudo do bairro do Mocambo que, no período atual, tornou-se conhecido pelo comércio de drogas e pela prostituição. Não faltaram idéias de remoção do cemitério. Felizmente, algo da memória histórica da cidade ainda parece sobreviver de forma inalterada e intacta. Embora não tenha sido tombado como monumento histórico local, Os Inocentes ainda guarda preciosos registros das origens da cidade.

O LUTO

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

O luto é a prática de ostentação da dor ritual pela perda. É um anúncio do sofrimento familiar e da dor da separação. É ainda a última homenagem ao morto. Hoje a prática está em desuso e a família do morto guarda mais um rito particular de resguardo domiciliar por até sete dias do que as demonstrações de luto público com vestimentas pretas. Cabe aos amigos, vizinhos e parentes o consolo da família nos dias que se sucedem ao sepultamento. As visitas são constantes já a partir do terceiro dia. É costume enviar alimentos, principalmente nos primeiros dias quando quase não se exerce atividade doméstica em casa. As preces devem ser contínuas nos primeiros dias. Ao sétimo dia deve-se rezar uma missa e na impossibilidade desta, é realizada uma cerimônia doméstica, com a presença da família, amigos, vizinhos e das rezadeiras locais que irão comandar a cerimônia puxando terços, ladainhas, outras rezas e cânticos em memória do morto. A família deverá então visitar a sepultura do morto e ornamentá-la com flores e novas velas. Após as cerimônias de sete dias de falecimento, a família retoma seus afazeres diários. Ainda é comum que ao se completar trinta dias de falecimento ocorra outra cerimônia de rezas e cânticos. A partir daí, o morto estará definitivamente entregue ao mundo dos mortos e os vivos deverão retomar suas vidas.

À morte, seguia-se um período de luto ostensivo e outro de luto íntimo. O tempo de luto era fixado pelo grau de parentesco e proximidade com o morto. As mulheres usavam roupas pretas e os homens usavam uma tarja preta na roupa diária. Alguém permaneceria com a família durante os sete primeiros dias, enquanto a casa permanecia fechada e a família aguardava a amenização do luto, após a missa de sétimo dia. A partir da década de 1970, com as transformações mais aceleradas, a sociedade começou a reduzir o luto. Hoje já não se observam mais as práticas do luto ostensivo. As famílias ainda são visitadas com freqüência durante estes dias e os amigos ainda costumam enviar comidas aos enlutados, sobretudo nos três primeiros dias do sepultamento. Ao se completarem os sete dias de morte, a missa de sétimo dia é um preceito obrigatório. Quanto a missa de trinta dias, que ainda é celebrada e pedida pela família do morto, já se é possível observar o esquecimento relativo da prática, sobretudo do acompanhamento dos amigos, devido a inúmeros fatores, como a velocidade do cotidiano dos vivos, a ausência de serviços espirituais de amparo e à própria indiferença clerical no tocante à celebração, que raras vezes registra qualquer gesto maior do que o mero ato de ler o nome do morto por ocasião das intenções durante o Ofertório. As mudanças

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

ritualísticas da Igreja, a sua progressiva reordenação após o Concílio do Vaticano II e os conflitos entre a piedade popular tradicional e a fé romanizada dos padres caracterizaram-se causas constantes de abandono das tradições populares católicas, ao mesmo tempo em que franquearam revoadas de fiéis insatisfeitos ou sem elos com a Igreja para outros credos mais populares e de forte apelo emocional, notadamente as Igrejas Evangélicas, Pentecostalistas e Neo-Pentecostalistas que, na Amazônia, têm tido um crescimento surpreendentemente maior que em outras regiões.

Entre as populações locais, a morte é percebida como um fenômeno ao mesmo tempo místico e físico/biológico. A separação imediata é marcada por uma dor intensa que é expressa através do pranto e das formas de luto que ainda são utilizadas. Essa mesma dor é parcialmente minimizada através de um conjunto de ritos, crenças e posturas sociais e coletivas, que ajudam os vivos a superar suas saudades e que teriam ainda a função de propiciar aos mortos condições de um repouso eterno e bem-aventurado. A solidariedade comunitária ainda se expressa pela vigília dos velórios, pela arrumação do morto, pelo envio de comidas para a família enlutada e pela presença nos sepultamentos e nas celebrações de sétimo dia. A presença do clero tem se mostrado mínima, fator que promove a desagregação das comunidades católicas. Por outro lado, em comunidades evangélicas, protestantes e pentecostalistas, podemos observar a adoção de rituais que não fariam maior sentido em seu arcabouço doutrinário e teológico, que o consolo dos familiares. Entretanto, como a maior parte de seus adeptos provém das fileiras do catolicismo popular, a utilização desses instrumentos de expressão de dor e de solidariedade, se mostram eficazes e aproximam o indivíduo enlutado com a congregação. A dor pela perda é progressivamente atenuada pela adoção de uma compreensão mística da morte. Na medida em que a serenidade se restabelece, a dor da separação física passa progressivamente para o sentimento de saudade intenso, abrandado por práticas que vislumbrem um processo de reencontro espiritual. Estas práticas podem ser expressas através da crença doutrinaria na vida eterna ou na reencarnação, como também através das formas já abordadas de culto aos mortos. A não aceitação da morte como um fim absoluto é uma das grandes características das civilizações em todos os tempos. As grandes estruturas religiosas, por mais que possam diversificar seus pontos de vista e dogmas ou ainda os aspectos doutrinários, refletem universalmente o pavor e o inconformismo

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

humano diante da morte. Esta sim é o elemento aglutinador de todos os pensamentos religiosos.

Os rituais de luto sofreram, ao longo do século XX, uma progressiva e rápida redução, tanto no que concerne à sua visibilidade, quanto no tocante ás suas práticas mais íntimas. Nas regiões do Madeira, Mamoré e Guaporé, a pressa e a intensidade da colonização deixavam pouco tempo para a dor e o pranto pelos mortos.

O CULTO AOS MORTOS

Ao mesmo tempo em que inspira temor e ojeriza aos humanos, a morte com todos os seus mistérios fascina e atrai, sendo responsável por uma considerável parcela do desenvolvimento humano. A existência, diz Santo Agostinho, "*é um caminhar contínuo para a morte".* Mas pode ser percebida também como uma fuga constante e uma perpétua negação do ato de morrer. O culto aos mortos, ao mesmo tempo em que estabelece a certeza da inevitabilidade da morte e de seus efeitos místicos, pressupõe uma série de aparatos capazes de redefinir a situação do morto e dos vivos que o honram com suas preces e penitências. A devoção aos mortos marcou parte importante das práticas de piedade popular em todas as culturas e estabeleceu sólidos argumentos para a afirmação dos conjuntos doutrinais das religiões. Todo o conjunto de certezas e de promessas das grandes religiões está fundamentado na morte e nos processos de restauração da vida após a morte. Neste aspecto, é de vital importância conhecer os elementos dos cultos aos mortos, que servem para minimizar a dor da separação perpétua.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

A procissão das almas
Fonte: Mello Morais Filho. Festas e tradições populares no Brasil. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1979.

As segundas-feiras são por excelência o dia das almas nos costumes referentes às práticas devocionais do catolicismo popular brasileiro. O dia dos mortos, comemorado aos dois de novembro, atrai multidões de fiéis aos cemitérios e essa é uma devoção secular. O culto aos mortos no Brasil, segue tradições de origem católica ibérica, formadas ainda no período medieval. Mesmo nas sociedades antigas, o culto aos mortos é um dos mais expressivos veículos da expressão religiosa e pode ser observado em quase todas as culturas. Na sociedade colonial e nas regiões interioranas do Brasil dos séculos XVII a XIX, a devoção aos mortos mesclou práticas católicas com outras de origem africana e ameríndia. Ainda são comuns hoje, muitas das variações do culto aos mortos perceptíveis em diversos aspectos da cultura popular brasileira.

Entre os ameríndios prevalecem as idéias de contatos reais entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Os transes e cultos de possessão permitem aos pajés e a outros membros das comunidades indígenas vaguear pelo mundo dos mortos, da mesma forma que o transe, as invocações e as possessões permitem aos mortos retornar ao contato com os vivos e vivenciar sensações e experiências que não seriam possíveis em sua nova dimensão. Na maior parte desses cultos, o morto, Agnan, transforma-se em um espírito protetor ou, em alguns casos, em um temível espírito errante e faminto, capaz de provocar imensos malefícios.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Entre os descendentes de africanos, estabeleceram-se rituais de candomblé e de umbanda que permitem aos vivos e mortos interagir através de outras variedades de cultos de possessão, que ainda assimilaram partes importantes do conjunto religioso ameríndio. Nas religiões de terreiro existem categorias de espíritos de mortos, os Eguns, comumente chamados de encostos, que atuam sobre a vida e o destino dos vivos. Os Eguns podem ser desde simples almas penadas, os encostos, até Babás-eguns, os pais, capazes de doutrinar, instruir, punir e premiar. Em Itaparica na Bahia ainda se desenvolve um antigo candomblé conhecido como Egunguns, o candomblé dos Eguns. No panteão da nação Ketu, cabe a Orixás como Iansã, Obaluaiê e ainda a Nanã Burucu o controle sobre os Eguns. Nas Umbandas, muitos Eguns metamorfoseiam-se em Exus, dedicando-se tanto ao bem quanto ao mal. O ponto alto dos cultos de terreiro consiste natural interação entre os vivos e os que já viveram. Exus e caboclos são entidades que passaram pela existência material, normalmente em um tempo antigo, não matematizado, simplesmente remoto. Após sua morte, precisaram cumprir missões e retornam ao mundo dos vivos como entidades capazes de curar, de enfeitiçar e de interagir com os vivos. Sentem desejos físicos e experimentam de novo as emoções humanas.

No entanto, é no catolicismo popular que estão mais bem fundamentadas as bases do que ainda existe em relação ao culto aos mortos. Em seu trabalho, Mello Moraes Filho[15] ressalta o misticismo das antigas procissões das almas, herança dos antigos penitenciais masculinos medievais. A procissão das almas ou pelas almas faz parte de um devocionário masculino, típico das áreas rurais mais remotas. Entrou em extremo desuso ao longo das últimas décadas do século XIX e hoje é mais uma peça folclórica do que uma verdadeira devoção. A procissão poderia acontecer nas segundas-feiras, dia das almas ou nas sextas-feiras, dia de penitências e de muito misticismo para o imaginário católico popular. Ela consiste em um grupo masculino que percorre as ruas e as estradas dos povoados do interior, vestidos de túnicas brancas e cobertos por capuzes branco em forma de cone, com orifícios para os olhos. Ao longo do caminho, vão se lamentando entre rituais de flagelação e suplícios. Tocam matracas, campas e tambores. Cantam hinos populares de devoção às almas do purgatório e rezam pedindo a Deus e aos santos a libertação das almas sofredoras. As vozes são soturnas e cavernosas e a

[15] Mello Moraes Filho. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte, são Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1979. PP. 155 A 160 e ainda, pp. 178 a 181.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

presença ou o olhar de crianças ou de mulheres é expressamente proibido, sob pena de serem assombrados. Param diante das igrejas, dos cruzeiros e dos cemitérios, onde cantam mementos e ladainhas, além de se flagelarem. Aqueles que os ouvem, devem se manter por traz das portas e janelas que permanecem fechadas. Carregam ainda uma cruz penitencial, velas e archotes. Param diante das antigas caixas das almas e repetem todo o ritual a cada parada. A procissão terminava ao surgirem os primeiros raios de sol.

Outro aspecto devocional do culto popular aos mortos eram as missas das segundas-feiras, que em muitos locais, ainda hoje, são celebradas em intenção das almas do purgatório. Após as missas celebradas em capelas e igrejas onde a devoção às almas ainda é intensa, os fiéis ascendem valas em cruzeiros e rezam o terço pelas almas. Por fim é importante ressaltar a comemoração de Finados, celebrada pela Igreja em 02 de novembro. Nos tempos coloniais e ainda durante o Império, o Dia de Finados era a data em que as famílias se dirigiam às igrejas para visitar os túmulos de seus mortos, situados nos adros, no chão das naves do templo e ainda no subsolo, nos carneiros. Missas eram encomendadas e nas portas dos templos, multidões permaneciam pedindo esmolas para si ou, no caso das Irmandades, para o culto aos mortos. Os sinos das igrejas tocavam o dobre fúnebre e anunciavam as cerimônias oficiais. Como o enterramento dos mortos era feito com cal, após a rápida decomposição do cadáver, os ossos eram limpos e guardados em urnas e as famílias permaneciam com as chaves de suas urnas. No dia de finados, os religiosos retiravam as urnas de seus nichos e as colocavam em locais para serem visitadas e manipuladas pelos familiares do morto. Após a proibição dos enterramentos em igrejas, durante as epidemias de febre amarela de 1851, essa prática foi caindo em desuso. Procissões de devotos percorriam as ruas e as igrejas com cruzes, velas e tochas, conclamando os vivos que rezassem pelos mortos. No decorrer do século XX, as tradições foram reduzidas e o dia de finados passou a ser comemorado como um dia santo de guarda, com missa especial e visitas aos cemitérios, onde os vivos levam flores e velas.

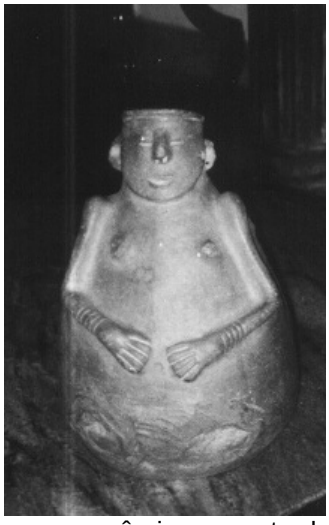
SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

Culto aos Agñas (espíritos dos mortos) em sociedade indígena amazônica.

Fonte: Expedição Rondon

Nas regiões do Madeira, Mamoré e Guaporé, o dia de finados compreende uma gigantesca romaria aos cemitérios, que devem ser previamente preparados e limpos. Na entrada dos cemitérios urbanos, dezenas de vendedores ambulantes vendem de tudo, flores naturais e artificiais, coroas de flores de papel e de plástico, recipientes para flores, velas, crucifixos e todo tipo de comidas e de bebidas, incluindo sanduíches, refrigerantes, sucos e cervejas. Os mortos são homenageados com as flores e as lágrimas. A eles se oferecem as velas e suas sepulturas são ritualisticamente lavadas e limpas. Esse é um dia de visitas, onde prevalecem encontros e saudades. Paralelamente, ainda é possível perceber a devoção às almas pelos cultos das segundas-feiras, quando os muros e os portões do Cemitério dos Inocentes ficam cobertos de velas, revelando um bonito espetáculo ao anoitecer. Das antigas procissões noturnas nada se percebe na região. No entanto, entre as décadas de 1970 e 1980 a Catedral da cidade de Porto Velho realizava às segundas-feiras uma procissão que se iniciava às cinco horas da manhã, iluminada por velas e precedida por uma cruz. Não se levavam imagens e o padre percorria as ruas da cidade paramentado, com estola roxa, rezando e cantando hinos de penitência com os devotos. Esta procissão era conhecida como Procissão da Penitência, talvez um eco remoto dos antigos penitenciais em sufrágio das almas dos períodos colonial e imperial.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.



Representação do morto. Peça em cerâmica encontrada pela Expedição Dequeche em uma urna funerária indígena, denominada “Chefe Barriga D’água”. Vale do Guaporé. Fonte: Arquivo do autor.

O CONTROLE E INTERDIÇÃO DA MORTE PELOS VIVOS

A morte requer cuidados específicos que devem ser tomados tanto pelo moribundo, que almeja passar à condição de alma bem-aventurada a pós a sua morte e ser recebido no reino de Deus onde se encontram os santos e os fiéis defuntos que o precederam, quanto pelos vivos que o circundam e que, em última instância são os responsáveis pela passagem correta do vivo para o reino dos mortos e pela continuidade da vida na comunidade após o cumprimento dos rituais de agonia, morte, velório e luto pelos vivos que se ligaram momentaneamente à morte em função de algum falecimento na comunidade.

Ao detectarem a proximidade da morte os membros das comunidades de negros do Vale do Guaporé iniciam uma série de providências de caráter religioso que caracterizam os cuidados rituais necessários a uma boa morte para o moribundo e a uma passagem que assegure aos vivos o completo isolamento de suas vidas em relação à morte circundante. Após os procedimentos já descritos anteriormente em relação aos cuidados com o morto, devem-se tomar os cuidados rituais para a condução da alma e da própria morte que transita entre os vivos. As rezas e os cantos têm a função de controlar a alma e esclarecer-lhe sobre sua passagem e a nova situação em que se encontra. Ao mesmo tempo as “ações da vida” (comer, rir e chorar) devem evidenciar um controle social sobre a própria morte. Enquanto a alma do morto é orientada para sua nova morada e condição, os vivos exercem o controle possível sobre a morte presente, exercendo o conjunto de

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

todas as atividades inerentes á vida (o consumo de bebidas, alimentos, o riso, o canto, o choro e as conversas). Rezas, cânticos e orações devem trazer à cena os santos e os mortos que precederam o defunto para que o auxiliem na transposição de sua antiga vida para sua nova condição. Estes devem, não apenas receber o novo morto, mas garantir sua passagem e jornada protegendo-o das trevas e dos maus espíritos e guiando-o para a luz celestial e para o reino dos santos e bem-aventurados. Essas rezas são puxadas pelas rezadeiras ou, em casos de sua falta por homens mais velhos e experientes no contato com a morte. Mas, na maior parte dos casos essa é uma atividade que compete à mulher.

Todos os membros da comunidade devem participar do velório e honrar o morto. Entretanto, devem manter-se isolados do contagio da morte, ritualizando procedimentos que indicam a continuidade da vida. Assim é tão importante a presença dos animadores de velório quanto das rezadeiras. Após o velório, o corpo do morto é conduzido ao cemitério e sepultado. A família e os parentes irão cumprir o luto doméstico que pode durar de uma semana a um ano, mas que tem sido progressivamente abrandado e abandonado pelas populações locais na medida em que aumentam os seus contatos com as populações e sociedades envolventes. Terminado o sepultamento deve-se proceder aos rituais de luto, que incluem rezas, resguardos familiares e, caso seja possível, a celebração de uma missa pelo morto aos sete dias de falecimento.

A morte é percebida como um fato inerente à vida. Entretanto, ela pode ocorrer fora de hora e causar grandes transtornos a todos os vivos, desencadeando situações de extremo perigo para os que formavam o circulo familiar e de convívio do falecido. Mortes por acidente, assassinato ou em situações que impossibilitem o cumprimento dos rituais de agonia dificultam o controle da morte e da alma do morto pelos vivos e acarretam situações de perigo potencial para todos. Almas que se perdem ou se extraviam em sua passagem ou que não recebem os rituais adequados para completarem a transição da vida para a morte e sua nova situação podem se transformar em assombrações e atormentar os vivos, pedindo-lhes rezas que facilitem a conclusão de sua passagem para o mundo dos mortos ou atormentando os vivos e causando-lhes malefícios ou mesmo apressando sua passagem para o mundo dos mortos. Fantasmas e assombrações são recorrentes nas culturas das comunidades de negros do Guaporé e podem aparecer sob a forma

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

humana ou animal. O assombramento dos vivos é um fator de desordem e medo e pode causar danos materiais, psíquicos e físicos.

Para manter sob controle os mortos errantes devem-se oferecer velas e rezas pelas almas que ainda não encontraram seu caminho. Entretanto existe uma outra categoria da alma, que é profundamente mais perigosa e para a qual já não há esperanças de salvação, trata-se da alma perdida. Almas perdidas são aquelas que se desviaram do caminho do céu e que por algum motivo passaram a se comprazer em assombrar os vivos. Não pedem rezas nem velas, mas querem causar malefícios elevar os vivos para o reino da morte. Seu contato leva à loucura e ao desvairio, produz a melancolia e o desejo subseqüente de morte nos vivos. A visão desse tipo de morto não pode ser controlada com as preces pela sua salvação, mas deve-se recorrer ao auxilio divino para que a visagem ou assombração seja expulsa e enviada para outro lugar. Recorre-se aos santos e à Virgem Maria para que essas visões sejam expulsas, mas nem as rezas as eliminam. Elas são momentaneamente vencidas e se retiram, mas voltarão a assombrar, provavelmente em lugares específicos que marcaram suas vidas ou o cenário de suas mortes.

As sociedades atuais vivem uma crise derivada do niilismo contemporâneo. Como disse Maurice Blanchot, "*a morte não é a morte, e é isto o terrível*".[16] A corrosão dos próprios conceitos tradicionais de morte tem deixado um vazio nas culturas ocidentais que o individualismo moderno não consegue solucionar. As novas indagações humanas sobre a morte passam agora dos campos da religiosidade, do misticismo e da filosofia, para o campo da ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As relações das sociedades locais com a morte e o culto aos mortos, bem como a estruturação de rituais destinados a assegurar a tranqüilidade dos moribundos na passagem desata vida para outra, eu consideram eterna foi fundada com base na tradição cristã católica e recebeu uma série de acréscimos e modificações em função da inclusão de outros povos no contexto da colonização. Destacaram-se os elementos indígenas e africanos.

[16] Maurice Blanchot. Citado por Edgar Morin. . O homem e a morte. São Paulo, Imago. 1997. P. 281.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

As adversidades ambientais, a precariedade da colonização e a multiplicidade étnica responderam pelas especificidades dos procedimentos rituais relacionados à morte e ao culto aos mortos na região em estudo.

O conjunto dos rituais e dos procedimentos relacionados à morte e ao luto mantiveram-se bastante inalterados ao longo dos tempos, até o século XX. Notadamente, a partir da segunda metade deste mesmo século, quando se intensificaram as relações e as formas de comunicação e troca com os grandes centros do país, com a abertura de estradas e a intensificação dos processos de migração e colonização as práticas de cuidado com os mortos e o culto a eles devotado pouco foi alterado.

As décadas de 1960 em diante assistiram às mais intensas transformações das tradições religiosas e culturais regionais no tocante aos procedimentos fúnebres e ao culto aos mortos. A intensificação da migração agropastoril, a aproximação cultural promovida pela introdução da mídia televisiva e a disseminação das novas igrejas, de orientação evangélica e pentecostalista reordenaram o universo mental regional, alterando práticas religiosas que incluíram os procedimentos de preparação para a morte, cuidados de sepultamento, luto e culto aos mortos.

Neste sentido, parte das tradições tem sido eliminada ou modificada, inserindo-se num contexto mais global, em tudo semelhante ao restante do país. Por outro lado, o mesmo processo migratório trouxe novos elementos culturais que podem ser observados em práticas populares.

REFERÊNCIAS.

ALVAREZ, A. ***Noite***. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

ABREU, Capistrano. ***Caminhos antigos e povoamento do Brasil***. Brasília, EDUNB, 1982.

ACUÑA, Cristobal. ***Novo descobrimento do rio das Amazonas***. São Paulo, Editora Nacional, 1941.

ARIÈS, Philipe. ***História da morte no ocidente***. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1987.

ARIÈS, Philipe. ***O homem diante da morte***. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

ASKEVIS-LEHERPEUX, Françoise**.** ***A superstição***. Série Fundamentos, 58. São Paulo, Ática, 1990.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. ***No rio Amazonas*****. (1859**) Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

BANDEIRA, Maria de Lurdes. ***Território negro em espaço branco***. São Paulo, Brasiliense, 1988.

BARBOSA DE SÁ, Joseph. ***Relação das povoações de Cuyabáe do Mato Grosso de seos princípios thé os presentes tempos*****.** Cuibá, UFMT, 1976.

BORZACOV, Yêdda Pinheiro. (org). **Compêndio de história e cultura de Rondônia**. Porto Velho, FUNCER, 1993. (3 vols).

CANTANHEDE, Antônio. ***Achegas para a história de Porto Velho****.* Manaus, S/E, 1950.

CASCUDO, Luís da Câmara. ***Superstição no Brasil***. Belo Horizonte, São Paulo. Itatiaia, EDUSP, 1985.

CASSIRER, Ernest*.* ***Linguagem e mito****.* São Paulo, Perspectiva. 1972.

CASTRO, Eduardo Viveiros de*.* ***Araweté, os deuses canibais***. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora/ANPOCS, 1986.

CASTRO, Eduardo Viveiros. ***Amazônia, etnologia e história indígena***. São Paulo, Núcleo de História Indígena e de Indigenismo da USP. 1993.

CHIAVENATO, Júlio José. ***A morte, uma abordagem sociocultural***. São Paulo, Moderna, 1998.

COUDREAU, Henri. ***Viagem ao Tapajós***. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1977.

CUNHA, Euclides da. ***Contrastes e confrontos***. São Paulo, Cultrix, MEC, 1975.

D'ABBEVILLE, Claude. ***Histórias da missão dos padres capuchinhos do Maranhão e terras circunvizinhas***. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1975.

D'EUVREUX, Yves. ***Viagem ao norte do Brasil, realizada nos anos de 1613 e 1614*****.** S/L, S/E, S/D.

DANIEL, Padre João*.* ***O tesouro descoberto do rio Amazonas***. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1976. (2 vols).

DELUMEAU, Jean. ***História do medo no ocidente***. São Paulo, Companhia das Letras, 1996

DENIS, Ferdinand. ***Brasil*****.** Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.

DURKHEIM, Émile. ***As formas elementares da vida religiosa***. São Paulo, Martins Fontes. 1996.

ELIADE, Mircéia. ***Mito e realidade***. São Paulo, Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircéia. ***Tratado de história das Religiões***. São Paulo, Martins Fontes. 1993.

EWBANK, Thomas. ***Vida no Brasil***. São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1976.

FEBVRE, Lucien. Le problème del incroyance aux XVIe siécles. Paris, Albin Michel, 1942.

FERREIRA, Manoel Rodrigues*.* ***Nas selvas amazônicas***. São Paulo, Bíblos, 1961.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. ***A Ferrovia do Diabo***. Historia de uma estrada de ferro na Amazônia. São Paulo, Melhoramentos, 1987.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

FILHO, Mello Morais. ***Festas e tradições populares no Brasil***. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1979.

FLORENCE, Hercules*.* ***Viagem fluvial do Amazonas ao Tietê. de 1825 a 1829***. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977.

GALVÃO, Eduardo. ***Entre santos e visagens***. Col. Brasiliana. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.

GERBI, Antonello. ***O novo mundo****.* São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

HARDMAN, Francisco Foot*.* ***Trem fantasma, a modernidade na selva***. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

HUGO, Vitor. ***Os desbravadores***. Humaitá, Missão Salesiana, 1959, (2 vols).

KIDDER, Daniel P. ***Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do norte do Brasil****.* Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980.

CRAIG, Neville. ***Estrada de ferro Madeira-Mamoré. A história trágica de uma expedição***. São Paulo, Editora Nacional,1947.

KUBLER-ROSS, Elizabeth. ***Sobre a morte e o morrer***. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

LA CONDAMINE, Charles Marie de. ***Viagem na América Meridional, descendo o rio Amazonas***. Biblioteca Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, Pan Americana, 1994.

LIMA, Araújo*.* ***Amazônia, a terra e o homem***. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

MENEZES, Esron de. ***Retalhos para a história de Rondônia****.* (2 vols.) Manaus, Imprensa oficial do Estado do Amazonas, 1980.

METRAUX, Alfred. ***A religião dos tupinambás***. Col. Brasiliana. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.

MORAES, Raimundo ***Amphiteatro amazônico***. Manaus, S/E, 1936.

MORAES, Raimundo. ***Na planície amazônica****.* Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP. 1987.

MORIN, Edgar*.* ***O homem e a morte***. São Paulo, Imago. 1997.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. ***Cultura Amazônica, uma poética do imaginário***. Belém, CEJUP, 1997.

PEREIRA, Jayme R. **Amazônia. (impressões de viagem)** São Paulo, Civilização Brasileira, 1940.

PEREIRA, Manoel Nunes. ***Morongueta, um decameron indígena***. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

PINHEIRO, Ary Tupinambá Penna. **Viver amazônico**. Porto Velho, SECET, 1986.

PRADO, Eduardo. ***Eu vi o Amazonas***. Rio de Janeiro. Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

REIS, João José*.* ***A morte é uma festa***. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SMITH, Anthony. ***Os conquistadores do Amazonas. Quatro séculos de exploração e aventura no maior rio do mundo***. São Paulo, Best Seller, S/D.

SABER CIENTÍFICO, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul./dez.,2009.

SOARES SOUZA, Gabriel. ***Tratado descritivo do Brasil***. Rio de Janeiro, RIHGB, Vol. XIV 1851.

SOUZA, Márcio. ***Mad Maria***. São Paulo, Marco Zero, 1980.

SOUZA, P. C*.* ***Freud e o gabinete do Dr. Lacan***. São Paulo, S/E, 1989.

SPIX, Johan Baptist Von e MARTIUS, Karl Friederich Philip Von. **Viagem pelo Brasil, 1817-1820**. (3 vols.) Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1981.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues E Fonseca, Dante Ribeiro da. **História regional (Rondônia)**. Porto Velho, ABG, 1998.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. ***Abatás d'Olorum. Os cultos afro-ameríndios em Porto Velho, Rondônia***. Porto Velho, exemplar mimeografado, 1992.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. Mortos, dormentes e febris. Um estudo sobre o medo, a morbidade e a morte nos Vales do Guaporé e Madeira, entre os séculos XVIII e XX. In: ***Porto Velho Conta a sua história***. Porto Velho, SEMCE, 1998.

VOVELLE, Michel. ***Pieté baroque et déchristianization en Provence au XVIIIe siécle***. Paris, Editions de Seuil, 1978.

VOVELLE, Michel. ***Morir autrefois.Attitudes collectives devant de la mortaux XVIIe e XVIIIe siècles***. Paris, Gallimard, 1974.

WAGLEY, Charles. ***Uma comunidade amazônica***. Belo horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1983.

WALLACE, Alfred Russel. ***Viagens pelos rios Amazonas e Negro***. Belo Horizonte, São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1979.